

SOBRE AS MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DE PORTUGUÊS: REVISITANDO UMA GRADUAÇÃO MULTIFACETADA

Amanda Moury Fernandes Bioni¹

1. Apresentação: quem sou eu e por que eu estou aqui?

Conforme os estudos de Gustavo Bernardo (2010), o questionamento acerca da própria identidade deve permanecer e persistir como um enigma constante, de modo que as respostas são provisórias. E, isso, talvez, explique o senso comum de que “somos suspeitos para falar sobre nós mesmos” e, parece ser ainda mais discutível a tentativa de autodefinição, uma vez que estamos constantemente a nos ressignificar, cada vez que nos banhamos no mesmo rio – como bem observou Heráclito de Éfeso. Sendo assim, há uma vacilação fascinante no exercício da definição e do entendimento de si mesmo: apenas nos deparamos com sombras, vestígios e repercussões de quem somos, fomos ou desejamos ser.

Por conseguinte, tendo em vista que eu sou um mistério para mim, me limito a compartilhar memórias seletivas de uma época determinante de minha existência: a graduação em Letras (Português e Espanhol) na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Informo que prefiro não citar nomes de docentes, porque, devido à fragilidade das lembranças e à concisão do relato, não desejo cometer alguma indelicadeza por não contemplar algum professor, que, de uma maneira mais direta ou indireta, foram importantes para a minha formação enquanto pesquisadora, professora e ser humano.

2. Como tudo começou: após a euforia do ENEM

Estimadas leitoras e estimados leitores, estamos entre 2011 e 2012. Em 2011, eu concluí o ensino médio, em um colégio particular, localizado na Estância. Eu concluí o terceiro ano do ensino médio, composto por muitas emoções e uma afinada decisão: eu desejava pertencer a um curso de Humanas, no qual eu pudesse refletir e escrever, pois, assim, eu me sentiria realizada. Nesse período, eu me recorro de alguns discursos que precisam ser pontuados e questionados: “por que você não faz Direito? Uma vez que você é uma excelente aluna de Português e de História”; “O quê?? Letras?? Você quer passar fome?”. E, o ápice da intromissão abrupta da vida alheia foi quando uma vizinha abelhuda, ao saber que eu havia passado no vestibular da UPE (Letras – Português/Inglês) e que estava no remanejamento em Jornalismo na UFPE, me veio com essa: “você vai

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Orcid iD: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2020.1.37237>.

escolher qual?” Eu disse: “eu ainda estou pensando, uma vez que o resultado da UFRPE ainda vai sair”, “Mas, você colocou para Letras na UFRPE também?”, eu respondi: “sim”. Ela me olhou com um desapontamento e um desdém pouco disfarçados.

E o que eu quero demonstrar diante de todos esses discursos, essas expressões faciais e todas as formas verbais e não verbais de despreço e de desavença com a carreira docente? A educação e os professores são *naturalmente* desvalorizados, desprestigiados e preteridos nessa realidade brasileira, cada vez mais avessa às investigações científicas, à imersão no conhecimento e às positivas e necessárias transformações sociais, oriundas da potencialidade da educação. Às vezes, me parece que estudar, nesse contexto, se tornou sinônimo de formalidade necessária à obtenção de diplomas, quando, na verdade, o estudo é uma oportunidade valiosa e indispensável de aperfeiçoamento cognitivo, espiritual e social e – além de tudo – deveria ser, de fato, um direito de todos. Digressão posta, sigamos.

Em contrariedade a tudo e a todos, porque a teimosia é uma ferramenta útil, às vezes, eu optei por ingressar em Letras (Português/ Espanhol) na UFRPE, admito que, no momento, o fator decisivo foi a localização geográfica da instituição, dado que o curso de Letras da UPE se encontra em Nazaré da Mata e, naquele momento, eu possuía um profundo interesse em conhecer um pouco mais a língua inglesa, dado que meu repertório cultural e estético era bastante permeado por produções naquele idioma. Por outro lado, eu nem poderia imaginar que a língua espanhola iria ocupar tamanho território no meu coração plurilinguístico. E, foi assim, que em 2012, eu me matriculei no meu curso de graduação, com uma postura desafiante perante os discursos e as previsões macabras de insatisfação profissional, com um fascínio pelo conhecimento e pela investigação e com uma crença, não sei até que ponto ingênua para uma jovem de 18 anos, de que a educação é essencial, libertadora e transformadora à condição humana – ainda que alguns de nossos representantes políticos insistam em duvidar e deslegitimar as funcionalidades sociais da educação.

3. A graduação real e posta: desafios, conquistas, professores e amigos

Em síntese, o que posso declarar é que a minha vivência na graduação foi essencialmente híbrida. Como assim? Explico, afinal de contas, sou professora. Há uma tendência no curso de Letras à dicotomia com relação às iniciativas de pesquisa, visando ao estabelecimento fixo de interesse: “você é de Linguística ou é de Literatura?”. Até hoje, caríssimos leitores, eu não sei responder, de modo definitivo, a essa pergunta e, de vez em quando, eu me questiono sobre o seu sentido. Tentarei esclarecer o meu embaraço com a minha trajetória acadêmica do período da graduação.

Eu me recordo do desespero dos meus trinta e poucos colegas de turma defronte da disciplina de Estudos Fonéticos-Fonológicos da Língua Portuguesa: “que símbolos são esses?”, “que negócio difícil!”, “como assim? Grafia e som se representam de modos distintos?” Eu também achei estranho no início e a minha estratégia de adaptação foi imaginar que tudo era uma espécie de código secreto de comunicação, assim, a experiência se tornou mais divertida, tão divertida que eu me tornei, um tempo depois, monitora de fonética e fonologia.

Outras disciplinas que pareceram tirar o sono da turma, agora, uma pequena turma de uns quinze alunos, foram as disciplinas de Morfologia e Sintaxe da Língua Portuguesa: “que árvores são essas, gente? Será que vamos ter que nos converter em um Tarzan gramatical?” “Gerativismo? E a gente pensando que Saussure era quem estava inventando

moda linguística!” “Gramática Universal? Sintagma Nominal? Sintagma Verbal? Linguística Computacional? Será que estamos falando sobre a mesma língua?”. E, assim, contamos com a imensa dedicação e paciência da docente responsável pela disciplina para conhecermos, de modo mais profundo, os processos de formação de palavras, as orações coordenadas e subordinadas, os termos integrantes e os termos acessórios das orações. Assuntos, sem dúvida, relevantes para formação de um profissional de Letras que necessita se instrumentalizar, de modo satisfatório, de todas as gramáticas existentes, a fim de escolher, qual concepção linguística e qual manual adotará em suas práticas docentes. Além disso, eu fui pesquisadora de PIBIC em Morfossintaxe, em que pude constatar a dinamicidade de nossa bela Língua Portuguesa, através de suas mudanças estruturais, verificadas no parâmetro do sujeito nulo.

Até então, há de se supor que eu fosse ou seria, inevitavelmente, uma estudante de Linguística, certo? Errado. Por ora, vou escrever um pouco sobre as aulas relativas à gramática da Língua Espanhola. O maior equívoco e a recorrente ilusão dos estudantes brasileiros é acreditar que Espanhol e Português são sinônimos: ou seja, é desnecessário estudar Espanhol, uma vez que já conseguimos nos comunicar nesse idioma, apenas pelo fato de sermos brasileiros. Ledo e nocivo engano.

A Língua Espanhola, assim como qualquer outra língua natural, possui suas nuances, seus critérios e suas particularidades. Sendo assim, é preciso estudá-la com dedicação, ainda mais, os estudantes brasileiros. Por que? Porque essa semelhança entre Português e Espanhol é aparente e um tanto artificiosa. E os alunos da graduação em Letras (Português/Espanhol), às vezes, descobrem isso da maneira mais abrupta e frustrante possível: por intermédio de um mau desempenho nas disciplinas, as quais, por sua vez, se constituem como um pré-requisito de disciplinas posteriores, o que, inescapavelmente, resulta em um atraso na conclusão do curso, desmotivação e – em casos extremos – a desistência ou o abandono do curso, por parte do aluno. Eu testemunhei situações assim na minha vivência acadêmica, por isso, registro essa advertência aos atuais tripulantes dessa aventura.

Com relação às aulas de gramática espanhola, eu percebi a dificuldade com relação à pronúncia por parte dos discentes, além das confusões recorrentes relacionadas aos artigos e aos pronomes da Língua Espanhola: *el, la, lo e le* (e seus respectivos plurais). Os tempos e os modos verbais? Nessa parte, penso que sentimos falta da Língua Inglesa, porque é bem mais prático construir um passado e um futuro em Inglês, entretanto, nosso presente era bem Espanhol e precisávamos nos apropriar daquele idioma desafiador. O professor responsável era bem humorado e incentivador e nos apresentou materiais fundamentais, como gramáticas, dicionários e manuais de verbos. Materiais que, aliás, eu guardo até hoje. Nas aulas sobre os *falsos amigos* é que a turma acordou para a realidade: Espanhol é um outro idioma. E, assim, na disciplina de Sintaxe da Língua Espanhola, já estávamos mais acostumados ao idioma e até estudamos a *Gramática da Real Academia Espanhola* em suas partes fundamentais, com direito a uma avaliação envolvendo um clássico da literatura em língua espanhola.

Entretanto, contudo e todavia: o que dizer sobre as aulas de Literatura? Em primeiro lugar, eu me lembro do estranhamento de alguns nomes e expressões citados no primeiro período do curso: *Baudelaire, Mallarmé, nonsense, enjambement*, entre outros que, para estudantes recém-chegados do ensino médio, foram pouco familiares. Após um período de tempo de apresentações e de exemplificações, tudo foi se esclarecendo. Com efeito, as aulas eram mais proveitosas quando conseguíamos refletir e compreender os conceitos e os períodos literários, por intermédio da leitura dialogada dos textos. Assim, pude perceber, com uma visão mais refinada, os critérios de ficcionalidade, à proporção

que entendia, um pouco mais, as finalidades sociais da literatura: refinamento dos espíritos, como reconheceu Antonio Candido, ou até mesmo, mostrar nosso mundo como impossível, como destacou Cesare Segre. Por consequência, eu não pude resistir à potencialidade enigmática das palavras acentuadas: precisava investigá-las e pensá-las cada vez mais.

Em minhas iniciativas de pesquisa no universo literário, eu tive o privilégio de contar com o incentivo e a dedicação de um professor que, no momento, lecionava sobre Literatura Portuguesa e me auxiliou com uma investigação acerca do Sebastianismo português. E aqui, preciso fazer um reconhecimento: como é importante para um aluno da graduação encontrar um professor que se disponha a auxiliá-lo e entusiasamá-lo em suas empreitadas especulativas, preservando a autonomia nas escolhas dos objetos e, ofertando materiais de aprofundamento. Às vezes, em algumas instituições públicas ou privadas, há docentes que preservam uma conduta de pesquisa consolidada em determinados objetos e perspectivas teóricas provenientes de suas vivências acadêmicas da pós-graduação, dessa forma, tentam encaixar os discentes em seus projetos particulares; esquecendo-se de que é necessário promover a autonomia e o protagonismo dos estudantes, porque, assim, também podemos revisar e reconstituir as nossas práticas e perspectivas – afinal de contas, não é assim que se faz a educação? Não é assim que se constrói e que se reconstrói a ciência?

E com relação às disciplinas pedagógicas? Ah, há demasiado o que ser registrado, porém, tentarei ser breve. Em primeiro lugar, destaco a relevância de uma disciplina como a Psicologia voltada aos interesses educacionais: seja para entender os processos psíquicos geradores do conhecimento, seja para compreender melhor as habilidades socioemocionais envolvidas nas relações entre professor e aluno – ainda mais, em uma sociedade, infelizmente, cada vez mais composta por indivíduos usuários de medicamentos para a ansiedade e depressão. E, se queremos frear a reificação que moderno mundo abrupto nos impõe, precisamos ter uma devida atenção aos nossos sentimentos e as nossa psique. Em segundo lugar, destaco a importância e os desafios das disciplinas de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) tanto em Língua Portuguesa, quanto em Língua Espanhola. Essas disciplinas pretendem oportunizar a vivência docente: é nessa etapa do curso que os graduandos se deparam com a verdade, ou seja, com os desencontros entre teoria e prática. Nas aulas teóricas, aprendemos que a educação pode ser transformadora, inclusiva e igualitária. Entretanto, como ofertar uma *aula como acontecimento*, numa expressão de João Wanderley Geraldi, quando, nas escolas públicas não há uma estrutura acolhedora e suficiente para esse projeto inadiável de transformações positivas de realidade? Eu tive – durante meu percurso de graduanda – a chance de realizar estágios em diferentes instituições: públicas e privadas. O que eu pude perceber em linhas gerais? Que o acesso igualitário à educação, no contexto brasileiro, é questionável e retórico. Nossas escolas públicas não têm nem a metade das condições físicas e dos aparatos tecnológicos das escolas particulares e – evidentemente – isso complica e desmotiva o trabalho docente. Porém, isso não é novidade para ninguém, suponho, ainda que eu acredite que *não é porque é assim, que deve continuar sendo*. Façamos a nossa parte, pois.

Com respeito às disciplinas pedagógicas em Literatura, eu me recordo da realização de um projeto didático que se tornou capítulo de livro: como ler um romance que envolve mito, que envolve a sociedade e que envolve as redes sociais e seu apelo à vaidade humana? E foi assim que eu me diverti e me realizei bastante nessa empreitada. E penso que é assim que pode ser também: a academia não precisa ser um lugar de frustrações, ressentimentos e de severidade – com efeito, devemos levar os estudos e

especulações a sério (eu sou prova viva disso), todavia, o que quero declarar é que é possível e salutar se divertir e apreciar, de modo leve, algumas circunstâncias gratas do processo. Dessa maneira, até as temíveis aulas de Latim se tornam prazerosas, porque é um modo de entendermos como se originou o nosso idioma, quais palavras ainda se relacionam com a forma latina, a importância histórica, a relevância cultural... Enfim! As reações perante o desconhecido e o laborioso depende da maneira pela qual você percebe o cenário diante de si: é mais inspirador e reconfortante quando reconhecemos o convite ao aprendizado e ao refinamento pessoal em nossas práticas e decisões.

E, considerando o breve resumo de minha trajetória, quais são minhas pretensões? Demonstrar que eu fui uma discente híbrida: eu me encontrei entre a Linguística e a Literatura, afinal de contas, meu trabalho de conclusão de curso se tratou de uma pesquisa na teoria literária. E isso me pareceu enriquecedor, porque, com efeito, eu acredito em uma integração, no sentido de uma relação quase simbiótica entre Literatura e Linguística: uma acontece na outra, graças à outra e por intermédio da outra; em lugar de serem excludentes competidoras, são inegáveis parceiras nessa aventura de desvendar e de registrar a complexa condição humana.

4. O famigerado intercâmbio: os *Buenos Aires* vivenciado por uma pernambucana

Estava no quinto período de Letras, quando o edital para o concurso de intercâmbio para a Universidade de Buenos Aires (UBA) foi lançado. E, eu decidi me inscrever. Após toda dedicação e ansiedade que todo processo seletivo possui, fiquei sabendo, por telefone, de minha aprovação: uma amiga me contou, porque eu estava em um evento, tentando driblar a ansiedade. Eu me lembro que estava no prédio de Biologia, nesse instante, daí, comecei a comemorar em voz alta e uns futuros biólogos me felicitaram na ocasião. Depois de uns meses de muita documentação e burocracia, eu estava dentro do avião, saindo da Veneza brasileira, rumo à capital do tango – detalhe, foi a minha primeira viagem de avião.

Ao chegar na cidade, fui muito bem acolhida pelos intercambistas antecessores e, logo nos outros dias, eu e meus colegas, fomos nos matricular no laboratório de idiomas e nas disciplinas da Faculdade de Filosofia de Letras (UBA). Em síntese: a experiência de poder vivenciar e estudar uma língua estrangeira é incomparável: com efeito, eu gostaria de que todos os estudantes de língua estrangeira tivessem a mesma oportunidade. Sem a menor sombra de dúvidas, as aulas do laboratório me auxiliaram no reconhecimento das peculiaridades da Língua Espanhola e me garantiram uma maior competência linguística, seja na oralidade, na leitura ou na escrita. Com relação às aulas na UBA, o que eu percebi foi o seguinte: apesar de não haver uma estrutura física considerável, havia uma significativa dedicação e respeito aos estudos e à leitura. Eu fiquei, realmente, surpreendida positivamente em constatar que os alunos de Letras conseguiam ler e se comunicar em mais de uma língua estrangeira, que liam e discutiam os textos com profundidade e paixão, afinal de contas, o que não faltam em Buenos Aires são livros e lugares que vendem livros. Dessa forma, me pareceu que os argentinos apreciam o conhecimento de um modo mais cuidadoso que os brasileiros. Esse intercâmbio foi fundamental na minha trajetória acadêmica, porque além de me propiciar uma imersão linguística, me possibilitou a aquisição de ótimos textos, livros e leituras, os quais consulto ainda hoje.

Porém, houve um fato polêmico e curioso, digno de nota e de reflexão, com relação à temática da competência comunicativa em língua estrangeira e as variantes

linguísticas de uma língua. Um dos responsáveis pela disciplina cursada na universidade – não sei se por puro patriotismo ou se era mesmo uma aversão a estrangeiros – declarou que “aconselhava os alunos estrangeiros à prova final de seminário e não à parcial escrita, porque os estrangeiros escreviam mal e ela não conseguia compreendê-los”. Evidentemente, essa sentença não me pareceu nada animadora ou agradável. Contudo, é oportuno realizar uma breve reflexão sobre essas palavras: o que seria esse “não saber escrever”? O que seria essa “não compreensão”?

Com efeito, um nativo não escreve do mesmo modo que um estrangeiro a se apropriar de um outro idioma, porque são circunstâncias e processos distintos – e, além de tudo – são pessoas distintas com suas trajetórias e percepções de realidade particulares. E, principalmente: isso não é um defeito ou um problema, se trata, apenas, da naturalidade entre as diferenças. Sendo assim, não há quem escreva mal ou quem escreva bem: há apenas quem escreva diferente, de modo que a obtenção e o desenvolvimento de habilidades, competências e destrezas comunicativas acontecem de modo distinto para cada um. E, esse percurso de aprendizagem e de vivência em uma língua merece ser compreendido, respeitado e validado e, não somente, sentenciado.

E, com relação a esse desentendimento comunicativo? Será que os estrangeiros conseguiram transgredir a tal ponto a variante linguística de Buenos Aires (destaco esse ponto, porque para o responsável, os mexicanos, os colombianos, enfim... Qualquer estrangeiro não se fazia compreender) de modo a torná-la enigmática? Ou, seria apenas um capricho ocasionado por uma maneira acostuada e padronizada de leitura? E, será que se fosse ao contrário, o docente, por ser estrangeiro, tornaria a língua portuguesa, em seu registro escrito, cabalística para mim, uma nativa no idioma? Penso que não, ainda mais em um contexto acadêmico em que já há significativa competência comunicativa por parte dos estudantes e, com relação aos estudantes colombianos e mexicanos, prefiro nem comentar, porque eles já escrevem e se comunicam em suas respectivas variantes de espanhol – o que torna o comentário do docente ainda mais polêmico. Por fim, registro que esse episódio terminou de modo fenomenal: um aluno estrangeiro teve o melhor desempenho no exame escrito.

5. Considerações quase finais: o aprendizado do passado, a ação do presente e as iniciativas para o futuro

Sem dúvidas, a graduação em Letras (Português/Espanhol) na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE representou um período que eu guardo no meu coração, com muita gratidão e convicção. Por intermédio de minha trajetória de graduanda, pude fazer amizades para toda a vida e tive a oportunidade de conhecer e de desenvolver pesquisas com professores dedicados, atenciosos e excepcionais. Nessa conveniência de volta ao passado, eu me recordo da estudante que eu fui: dentre outras características, meus companheiros costumavam dizer que eu era uma aluna dedicada e que minhas anotações no caderno eram fundamentais em períodos de prova. E, eu me orgulho de, além de tudo, além de todas as premiações, eu haver conservado uma atitude bastante solidária e solícita perante meus colegas, uma vez que muitos deles precisavam trabalhar ou já possuíam famílias constituídas e, estudar, se configurava como um desafio a mais.

Por falar em questões desafiadoras, não posso deixar de registrar a ausência de um prédio pertencente ao curso de Letras, um prédio habitável e utilizável, pelo menos, uma vez que, durante toda a minha graduação, nossa turma ficou localizada em prédios

pertencentes a outros cursos e, às vezes, era bastante complicada a disposição das salas, com relação aos eventos, pelo menos. A vantagem do “nosso” segundo prédio foi a proximidade com o Restaurante Universitário, sim, o nosso amado e imperdível R.U e, nesse aspecto, a universidade merece aplausos por ofertar com tanto primor a segurança alimentar aos estudantes. Com relação à biblioteca e o acervo de livros, é um ponto que eu penso que necessita de uma constante atualização e aperfeiçoamento: seria incrível uma biblioteca só para Linguística e Literatura e – me perdoem se estou exagerando ou sendo uma egoísta saudável.

Com relação ao presente, às vezes, eu fico triste e apreensiva com as acusações e com o descrédito que as universidades públicas vêm recebendo: de acordo com alguns discursos e posicionamentos, as instituições públicas de ensino são apenas espaços de balbúrdia e de faz de conta; assim, as universidades públicas seriam ineficazes e até nocivas (...). Essa situação atípica merece cuidado e atenção. Há pouco tempo atrás, quando eu fiz ENEM, ingressar em uma universidade pública era motivo de comemoração em grande estilo: festas e pessoas com a cabeça, ou com as sobancelhas raspadas... Era quase um ritual para um novo ciclo de vida. Estudar na Federal era um sonho para muitos jovens, porque, parecia haver o consenso de acessibilidade a gratificantes oportunidades profissionais, uma vez que a Universidade Federal possuía um prestígio social considerável. E hoje em dia? O que está acontecendo? E, por que chegamos a essa situação de falta de investimento e de desrespeito às universidades públicas? Quais foram nossos erros e nossos acertos? Como podemos resgatar a confiança social em uma educação inclusiva de qualidade e desautorizar os recorrentes discursos? São questionamentos que merecem respostas presentes.

O que eu posso afirmar é que as universidades públicas têm uma função social alicerçadora: formar cidadãos conscientes, profissionais éticos e mentes questionadoras. Por conseguinte, as universidades públicas têm a habilidade de favorecer oportunidades e de transformar realidades positivamente... E, em tempos de pandemia, é irrevogável lembrar que os cientistas e pesquisadores das universidades públicas estão fornecendo caminhos e alternativas para a preservação de vidas. Sendo assim, penso que as instituições públicas e os nossos pesquisadores merecem estima e reconhecimento. Afinal de contas, o apreço pela educação resolveria quase a totalidade dos problemas e dos conflitos desse país: é uma pena que esse fato vem sendo negligenciado e mal interpretado pelos importantes setores da sociedade.

Finalmente, aos novos discentes de nossa *Ruralinda*, eu desejo paciência, disposição ao aprendizado, momentos inesquecíveis, conquistas gratas, descobertas fascinantes... Enfim, todos os ingredientes indispensáveis a uma trajetória acadêmica poética.

Referências

- BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.
CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
SEGRE, Cesare. La ficción literaria. In: **Principios de análisis del texto literario**. Barcelona: Crítica, 1985.